

- A Experimentação Social com base na Autogestão.

(As idéias de ANDRE GORZ)

Claudio Nascimento

O núcleo político central da obra de A.Gorz tem como foco uma nova crítica da "razão econômica". Neste sentido, Gorz assume a herança marxista não-ortodoxa, com ênfase para a 'corrente quente' do marxismo que gira em torno da proposta de um Eco-Socialismo com base na autogestão social.

Um estudioso da obra de Gorz nos fornece elementos fundamentais da sua evolução político-intelectual:

"A virada que se produz no pensamento de Gorz, 2 anos somente após os fatos de Maio 68... uma ruptura em que H. Marcuse, E. Bloch e J.P. Sartre tiveram influência... Seu pensamento passa, então, de um marxismo revolucionário anti-estalinista (com forte influência das idéias de Lelio Basso), no período 1964-1969, para um ECO-SOCIALISMO AUTO-GESTIONÁRIO... em uma nova estratégia socialista ecológica de base e de ruptura com o capitalismo. Essa nova concepção inclui a mobilização do movimento ecologista enquanto movimento anti-capitalista, na perspectiva da construção, a longo prazo, de uma sociedade melhor, COOPERATIVISTA E AUTOGESTIONÁRIA".

Para Munster, uma influência decisiva sobre Gorz foi a do educador Ivan Illich:

"Gorz usa certos conceitos-chaves de Ivan Illich, a crítica do produtivismo, do mito do crescimento e do gigantismo dos instrumentos industriais. Mas, além destes 3 temas, Illich também exerceu uma influência determinante na gênese de sua teoria dos espaços sociais autônomos e dos espaços de cooperação auto-gestionária, como alternativa ao mundo da produção e as formas de vida e de trabalho da sociedade industrial capitalista".

Aqui, Gorz articula a crítica ao processo de produção à questão da educação, isto é, trabalho e educação. A 'revolução cultural' que propõe, significa "a destruição da distinção, da hierarquia e da separação entre trabalho intelectual e manual, concepção e execução, e a liberação das capacidades criadoras de todos os trabalhadores". Para Gorz, "o ataque contra a hierarquia na fábrica deve se prolongar para o ataque contra o sistema escolar que é a sua matriz (...). Ensino e produção, formação e trabalho foram separados da prática, o operário separado dos meios de produção, da cultura e da sociedade civil. Por isto (...), a reunificação da educação e da produção, do trabalho e da cultura é uma exigência essencial".

Em seu período marxista (1964-1970), Gorz defendia a autonomia e a auto-organização dos trabalhadores, a espontaneidade das massas e a autogestão.

Em "O Socialismo Difícil", Gorz explicita sua contribuição à questão da estratégia e das lutas:

"a estratégia alternativa socialista revolucionária e ecológica que preconiza Gorz, concebida como alternativa à gestão social-democrata (que tornou-se, com o tempo, uma força neo-capitalista), significa "deve visar o rompimento do equilíbrio do sistema e aproveitar essa ruptura para concretizar o processo, revolucionário, da transição ao socialismo, coisa que só se pode fazer à quente" (Gorz)

Como bem salienta Munster, "É evidente que uma estratégia deste tipo só é praticável em "períodos de movimento, sobre a base de conflitos abertos e de ações sociais e políticas amplas. É impossível concebê-la como uma batalha de usura em uma guerra de posição. Pois, se o movimento social se estabiliza, se é instaurado um equilíbrio de forças, então a batalha da ruptura – que uma estratégia socialista tem por função prepara-la –, é adiada" (Gorz).

Munster cita exemplos históricos em que essa transição foi bloqueada:

Chile de S. Allende, em 1970-73; França da Frente Popular em 1936; Inglaterra, anos 50; Itália, após 1947 e 1963.

Em nosso trabalho, "Beco dos sapos aos canais de Catende", traçamos inúmeras experiências do campo das lutas autogestionárias, ao longo da história.*

Gorz tinha posição muito clara em seu período marxista (1964-1970) em "favor da autonomia e pela auto-organização dos trabalhadores, pela espontaneidade das massas e pela autogestão" (Munster)

Desse modo, para Andre Gorz, essa política de transição socialista implica uma profunda mudança na relação de forças:

" pelas ações de massa diretas que, organizadas e guiadas pelos partidos da classe operária põem em crise a política do governo em questão". E, estas lutas dependem não mais do Parlamento, mas "da capacidade mostrada pelos trabalhadores de mobilizar, pelas lutas extra-parlamentares, as classes trabalhadoras contra a política vigente".

Movimento desse tipo foi a ocupação massiva e espontânea pela base das fábricas na França em 1968. Gorz tirou lições dessa experiência marcante:

"É o poder soberano dos trabalhadores de auto-determinar eles próprios as condições de sua ação social, de submeter à sua vontade coletiva o conteúdo, o desenvolvimento e a divisão social de seu trabalho".

Na perspectiva estratégica de Gorz, são reformas revolucionárias: reformas impostas, aplicadas e controladas pelas massas mesmas e que repousam sobre a iniciativa e sobre sua capacidade de "auto-organização".

A. Munster assinala as 'afinidades' entre Gorz (de "As Metamorfoses do trabalho") e a visão de Hanna Arendt: "O próprio movimento operário, seus sindicatos e partidos, são saídos de círculos de cultura operária e de associações de ajuda mútua, ou seja, de um trabalho de reflexão e de auto-formação frente às idéias dominantes; as formas de auto-organização e de vida esboçam uma alternativa à organização social e ao modo de vida dominante: "UMA UTOPIA CONCRETA".

"É uma reflexão que faz eco as teses de H. Arendt, notadamente sua definição da essência mesma da política como "faculdade espontânea dos atores de se fazerem entender na 'Agora' e de se organizar espontaneamente, no espaço público comum, para defender seus interesses, na pluralidade e sua concepção de uma cultura democraticamente autêntica" (Munster)

Essa utopia Concreta se expressa na obra de A. Gorz, no que Munster chama de "Uma Práxis Auto-gestionária" e numa "sociedade autogerida de produtores livres".

Tendo por pressuposto que o fracasso do sistema do socialismo real não exclui uma alternativa socialista, Gorz sustenta que "um outro socialismo –negação positiva do capitalismo e alternativa ao socialismo autoritário da planificação centralizada– só pode se

concretizar na EXPERIMENTAÇÃO SOCIAL DE NOVOS MODOS DE VIVER EM COMUNIDADE, DE CONSUMIR, DE PRODUZIR E DE COOPERAR".E,segue,"em um modo novo de produção,organizado à partir de `tecnologias alternativas que permitam fazer mais e melhor com menos,tudo em ampliando a AUTONOMIA DOS INDIVÍDUOS E DAS COMUNIDADES DE BASE".

Gorz,então,apresenta 4 pontos urgentes:

1= a subordinação da racionalidade econômica à uma racionalidade ecológica e social;

2= o decréscimo da produção das mercadorias graças a uma auto-limitação das necessidades;

3= a criação, graças à uma duração do trabalho cada vez mais reduzida, de uma esfera de `compatilhamento comunitário`, de `cooperação` voluntária e `auto-organizada`;

4= o direito à uma renda derivada do trabalho"

A.Munster comenta estas proposições de Gorz:

" Lutam em favor, sem contestações, em favor de uma UTOPIA CONCRETA ,de uma nova sociedade, fundada na auto-organização voluntária dos produtores(..) Um modo de produção ecologista e cooperativista em que a duração do trabalho será fortemente reduzida".

O caminho que leva a esse "socialismo de uma sociedade ecologista autogerida" ,diz Munster,"capaz de superar o capitalismo liberal , só poderá resultar de um **longo processo, de "uma ação consciente e a longo prazo em que o início poderá ser a realização de um escalonamento coerente de reformas, mas em que o desenrolar só poderá ser uma sucessão de rupturas,mais ou menos violentas, vitoriosas ou derrotadas, em que no conjunto contribuirá para formar e organizar a vontade e a consciência das classes trabalhadoras"** (A.Gorz).

A. Munster comenta essa passagem : "*Desafiando uma velha doutrina social-democrata que já tinha sido desconstruída por WALTER BENJAMIN ,em suas "Teses sobre o conceito de História"(1940),André Gorz não cessa de lembrar que não é possível uma passagem gradual e insensível do capitalismo ao socialismo(...).*

Essa alternativa proposta por A.Gorz, estava calcada em experiências sociais ocorridas em 1968 e nos anos seguintes;entre elas,Munster cita "**A formação da fábrica de relógios LIP em uma cooperativa auto-gerida pelos trabalhadores.**

Estas formas de experimentação de uma vida e de um modo de produção ALTERNATIVAS, além do modo de produção imposto pelo capitalismo, em nome do lucro máximo, são explicitamente valorizadas por Gorz”.

Neste sentido, Gorz está absolutamente persuadido que essa nova força produtora liberará cedo ou tarde a alternativa emancipatória ao sistema existente; Munster cita Gorz:

“A experimentação com novos modos de vida e de outras formas sociais, nas brechas de uma sociedade em plena desagregação, subverterá e deslegitimará o controle que o Capital exerce sobre o espírito e o corpo das pessoas”.

As antecipações sociais anteciparão um mundo não mais fundado no trabalho e na lei do capital e do lucro. “As experimentações sociais favorecem à uma vasta escala (pelo caminho da práxis alternativa das **redes de cooperativas autogestionárias**) a propagação e a extensão da consciência crítica que deverá um dia se ampliar às grandes empresas, as administrações e aos aparelhos políticos(...) Com esta convicção tão forte em favor das experimentações sociais Gorz se aproxima, em certos aspectos, ao pensamento de Bloch de uma Utopia Concreta. Os laços se explicitam de forma ampla entre seu pensamento e os do autor de “O Espírito da utopia” e do “Princípio Esperança” (notadamente no que concerne a experimentação do mundo, nas categorias esboçadas e elaboradas por Bloch em 1975, em sua última obra chamada “Experimentum mundi”*) .

André Gorz, junto com sua esposa, se suicidou em setembro de 2007. Dois anos após, em 2009, a editora “La Decouverte” lançou uma obra reunindo diversos ensaios sobre a obra de Gorz: “André Gorz, un penseur pour le XXI Siècle”. Nessa homenagem, vamos encontrar muitas idéias sobre a relação Gorz-Autogestão.

Assim, por ex., Jean Zin afirma que, na obra “Misérias do presente, riqueza do possível” (1997), Gorz aprofunda sua alternativa:

“Nessa obra – diz G. Fourel – Gorz traz uma nova perspectiva para ecologia política, das alternativas locais à globalização mercantil (a era da informação e da economia imaterial), alternativas que juntam os principais instrumentos: renda garantida (ou “alocação universal de uma renda suficiente”), oficinas cooperativas (ou “ateliers comunais de autoprodução”) e moedas locais (ou “moedas-tempos”)”.

Por sua vez, Carlo Vercellone aborda a evolução das idéias de Gorz em relação à superação do fordismo:

“Durante os anos 1980 e até a metade dos anos 1990, a reflexão de Gorz sobre a dinâmica do capitalismo conheceu um bifurcação: a racionalidade econômica do capital e seu modo de organização do trabalho na esfera da heteronomia são consideradas por Gorz como um horizonte insuperável devido à ‘inapropiabilidade das massas dos saberes necessariamente especializados que combina a produção social’.

“Mais ainda, sob a influência de IVAN ILLICH, esta tese é ampliada ao conjunto das instituições que estruturam o funcionamento da ‘megamáquina industrial burocrática’, abrangendo os serviços coletivos do Welfare State. Decorre, então, uma mudança profunda no modo de pensar a emancipação do trabalho assalariado.

"A autogestão e, mais geralmente, a ' emancipação no trabalho' se efetuam diante da constatação que a nível microeconômico a 'logia do capital' seria a única forma de racionalidade econômica pura e que ' não há outra forma economicamente racional para conduzir uma empresa que a gestão capitalista". A saída do capitalismo não pode portanto ser pensada como a reversão da divisão capitalista do trabalho.

"Esta visão cede lugar à um aporte que se inspira em POLANY, em que a superação da dominação do capitalismo é concebida como o encaixe e a subordinação restritiva das atividades econômicas regidas pela racionalidade do capital aos valores e aos objetivos sociais e ecológicos".

Para Carlo Vercellone, vários fatores explicam essa virada. As decepções políticas ligadas ao esgotamento do ciclo das lutas nascidas em 1968 e os ensinamentos tirados do afundamento dos sistemas planejados do socialismo real que tiveram, sem dúvidas, um papel importante.

Mas o impacto decisivo veio da interpretação da evolução do capitalismo que, sob efeito combinado das políticas de desinflação competitiva e da revolução microeletrônica, conduziram a dispersão da sociedade do trabalho"

Foi o fim irreversível do modelo fordista do pleno emprego e, com ele, da centralidade da classe operária como sujeito histórico do projeto de emancipação do assalariado. Disto, decorre um dualismo econômico e social cada vez mais forte entre uma elite de trabalhadores qualificados, apegados a sua empresa e beneficiários da segurança do emprego, e uma massa crescente de desempregados e de trabalhadores desqualificados.

"A reflexão de Gorz sobre o sentido e os desafios dessa evolução leva a um projeto de sociedade que se propõe suprimir o dualismo regressivo garantido/não garantido para substituí-lo, como disse Denis Clerc, por uma "sociedade dualista" de outra natureza.

"Uma sociedade em que a empresa da esfera da racionalidade econômica – o "trabalho heterônomo e da necessidade" seria drasticamente reduzida, graças notadamente à uma redução generalizada do tempo liberado, a favor da expansão de uma sociedade de tempo liberado assegurando o desenvolvimento do "trabalho privado por si" e "das atividades autônomas" não mercantis".

O ensaio de Marie-louise Duboin-Mon, analisa a posição de Gorz em relação ao campo da moeda, do valor monetário.

"Para Gorz, se o valor de troca, o preço não pode ser determinado pelo mercado, (...), devem então ser fixados ex ante por um "contrato cidadão" entre consumidores, empreendedores e poderes públicos" (...). O modelo distributivista tem sem dúvidas o grande mérito de por em evidência o caráter anacrônico da forma valor, ou seja, da forma dinheiro, da forma mercadoria, assim, do capitalismo".

Gorz explica esta economia distributivista:

"A divisão do trabalho é organizada na economia distributiva por seus atores mesmos, para que essa cooperação lhes permita economizar seus esforços, e não mais pela dominação 'capitalista'. Quando o acesso às riquezas partilhadas é uma renda social (a não o dinheiro 'ganho'), os interesses em jogo nada têm em comum com as relações mercantis. Não. a

alocação de uma renda individual, salario de autonomia, não impede de forma nenhuma o desenvolvimento de redes cooperativas de auto-reprodução,pois um contrato pode ser proposto por um coletivo que se auto-organiza(...).

“Um ultimo ponto sobre o qual estamos de acordo:

O que não permite o desespero, são as inúmeras EXPERIENCIAS DE ECONOMIAS PARALELAS E DE COOPERATIVAS de todos os tipos (por exemplo,as AMAP-associação para segurança agrofamiliar), em particular aquelas que, usando as MOEDAS PARALELAS,dezem refletir as verdadeiras riquezas,porque elas preparam a porta de saída”.
